



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS – GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO HUMANO E
EDUCAÇÃO ESCOLAR**

CELÂNY TEIXEIRA DE MÉLO

**EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA: ESPAÇO DE INTERAÇÃO DE SABERES NO
DESENVOLVIMENTO DOS DISCENTES**

**CAMPINA GRANDE - PB
2020**

CELÂNY TEIXEIRA DE MÉLO

EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA: ESPAÇO DE INTERAÇÃO DE SABERES NO
DESENVOLVIMENTO DOS DISCENTES

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano e Educação Escolar da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito para obtenção do título de Especialista.

Orientadora: Prof.^a. Dr.^a. Nelsânia Batista da Silva

CAMPINA GRANDE - PB
2020

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

M528e Mélo, Celâny Teixeira de.
Extensão universitária [manuscrito] : espaço de interação de saberes no desenvolvimento dos discentes / Celâny Teixeira de Mélo. - 2020.
46 p.
Digitado.
Monografia (Especialização em Desenvolvimento Humano e Educação Escolar) - Universidade Estadual da Paraíba, Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa, 2020.
"Orientação : Profa. Dra. Nelsânia Batista da Silva, Coordenação do Curso de Pedagogia - CEDUC."
1. Universidade. 2. Extensão universitária. 3. Desenvolvimento discente. 4. Formação universitária. I. Título
21. ed. CDD 378

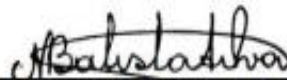
CELÂNY TEIXEIRA DE MÉLO

EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA: ESPAÇO DE INTERAÇÃO DE SABERES NO
DESENVOLVIMENTO DOS DISCENTES

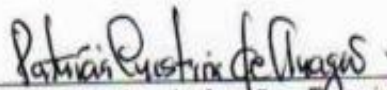
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano e Educação Escolar da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito para obtenção do título de Especialista.

Aprovada em: 24 / 11 / 2020.

BANCA EXAMINADORA



Prof.ª Dr.ª Nelsania Batista da Silva- Examinadora
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof.ª Dr.ª Patrícia Cristina de Araújo - Examinadora
Universidade Estadual da Paraíba da Paraíba (UEPB)



Prof.ª Mª. Maria das Graças de Lima (Examinadora)
Universidade Federal da Paraíba

*Aos meus pais, Francisco Tintiliano de Mélo e
Rita Teixeira de Mélo; In memoriam,
DEDICO.*

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela oportunidade de sonhar e realizar.

Aos meus irmãos e irmã, que estão sempre presentes na minha caminhada em forma de apoio.

À Prof.^a Dr.^a. Nelsânia Batista da Silva, a qual estimo e tenho uma admiração pela profissional e ser humano que é; pela orientação, dedicação e compromisso para realização deste trabalho; pela pessoa especial que se tornou na minha caminhada acadêmica, de modo que a levarei para vida.

Aos colegas do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano e Educação Escolar, em especial a Giszelia Oliveira, Magno Lisboa, Daniela Oliveira, Luana da Mata e Albanisa Pereira.

Às amigas Inaldete e Raiane, que conheci na graduação e permanecem na minha vida, apoiando meus sonhos com sua amizade.

Às minhas professoras, que foram inspiração para minha caminhada acadêmica e da vida.

À banca examinadora, pela disponibilidade e compromisso em contribuir para a realização deste trabalho.

A todos/as que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização deste sonho.

Ensinar inexistente sem aprender e vice-versa, e foi aprendendo socialmente que, historicamente, mulheres e homens descobriram que era possível ensinar (Paulo Freire)

Sou professor a favor da decência contra o despudor, a favor da liberdade contra o autoritarismo, da autoridade contra a licenciosidade, da democracia contra a ditadura de direita ou de esquerda. Sou professor a favor da luta constante contra qualquer forma de discriminação, contra a dominação econômica dos indivíduos ou das classes sociais. Sou professor contra a ordem capitalista vigente que inventou esta aberração: a miséria na fartura. Sou professor a favor da esperança que me anima apesar de tudo. Sou professor contra o desengano que me consome e imobiliza. Sou professor a favor da boniteza de minha própria prática, boniteza que dela some se não cuida do saber que devo ensinar, se não brigo por este saber, se não luto pelas condições materiais necessárias sem as quais meu corpo, descuidado, corre o risco de se amofinar e de já não ser o testemunho que deve ser de lutador pertinaz, que cansa mas não desiste (Paulo Freire)

Eu disse a uma amiga:

- A vida sempre superexigiu de mim.

Ela disse:

- Mas lembre-se que você também superexige da vida.

Sim.

(Clarice Lispector)

RESUMO

A universidade, que é uma ambiência para a construção do conhecimento, precisa promover atividades que contemplem o pensar e o fazer de forma integrada. Desse modo, a Extensão não pode se distanciar da teoria e prática, pois, dentre tantas funções, esta promove o aspecto formativo dos discentes. Assim, este trabalho desvelou-se em investigar como a Extensão Universitária pode se configurar em uma atividade de interação de teoria e prática que colabora no desenvolvimento dos discentes envolvidos em projeto de extensão numa relação de práxis. Para tanto, buscou-se refletir sobre a relação entre a Extensão Universitária e a sociedade, verificando como esta dimensão da universidade pode ser uma possibilidade de encontro entre a teoria e a prática, colaborando para a formação dos discentes. A pesquisa contemplou uma abordagem qualitativa, com um estudo de natureza bibliográfica e realização de entrevistas. Participaram da pesquisa quatro discentes, que atuam em projetos de extensão na Universidade Estadual da Paraíba/UEPB, Campus I, Campina Grande. A coleta de dados ocorreu por meio de entrevista estruturada, orientada por cinco questões, que foram analisadas na perspectiva interpretativista, que permitiu uma apreensão nas falas das entrevistadas acerca da Extensão em seu desenvolvimento. A pesquisa desvelou que a Extensão Universitária se concretiza como uma atividade da universidade, permeada pela práxis, colaborando para o desenvolvimento dos discentes, uma vez que permite que haja ação e reflexão na sua formação universitária, embasada em saberes que envolvem teoria e prática, oportunizando que tais discentes se desenvolvam como seres profissionais e sociais.

Palavras-chave: Extensão Universitária. Teoria e Prática. Desenvolvimento. Formação Universitária.

ABSTRACT

The university, which is an environment for the construction of knowledge, needs to promote activities that promote the thinking and the doing in an integrated way. This way, the extension can not be far from the theory and practice, because, among many functions, it promotes the formation aspect of the students. So, this work was dedicated to investigate how the University extension programs can be configured in an activity of interaction of theory and practice that collaborates with the development of the students involved in extension programs in a relation of praxis. For that, it looked for the reflection about the relation between the University Extension and the society, verifying how this dimension of the university can be a possibility of the meeting between the theory and practice, collaborating for the formation of the students. The research contemplated a qualitative approach with a study of bibliographic nature and the performance of interviews. Four students participated in the research, they act in extension projects in the Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), Campus I, in the city of Campina Grande. The collection of data occurred through structured interviews orientated by five questions which were analyzed in the interpretive perspective, what permitted an apprehension of the speeches of the interviewed about the extension and its development. The research unveiled that the extension university programs come into existence as an activity of the University, through praxis, collaborating for the development of the students, once it permits the existence of action and reflection in their university formation, based in knowledge that involves theory and practice, allowing those students to develop themselves as professional and social beings.

Keywords: University extension. Theory and Practice. Development. University formation.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
1 EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA E SUA RELAÇÃO INTRÍNSECA COM A SOCIEDADE	13
1.1 A Extensão universitária no Brasil: um breve histórico de sua relação com a sociedade	14
2 CAMINHOS DA PESQUISA	21
2.1 Caracterização, descrição dos sujeitos e procedimentos para a realização da pesquisa	21
2.2 Construção para a inspiração da pesquisa	22
3 FORMAÇÃO UNIVERSITÁRIA NO DESENVOLVIMENTO DOS DISCENTES VIA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA	25
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	34
5 REFERÊNCIAS	37
APÊNDICE	40
ANEXO	42

INTRODUÇÃO

A universidade é uma instituição que se encontra presente na sociedade desde a Idade Média. Seu surgimento está intrinsecamente relacionado ao modelo de sociedade de seu tempo, reproduzindo, por exemplo, determinadas concepções de educação, para uma formação monopolizadora, ou mesmo dispendo de certa autonomia, para direcionar uma educação libertadora.

Essa instituição se constitui em um *Lócus*, que precisa possibilitar a produção de conhecimento, podendo ser desenvolvido, através de uma de suas possibilidades, que ocorre a partir da interação entre o Ensino, a Pesquisa e a Extensão. Para tanto, essas dimensões precisam dialogar entre si, quebrando as possíveis dicotomias entre teoria e prática, as quais podem separar o pensar e o fazer da humanidade.

Segundo Wanderley (2003) e Sousa (2010), a universidade se encontra a favor da manutenção ou da transformação da sociedade, de modo a atender os anseios de uma classe que detém o poder; de um mercado, que prima pelos seus serviços, mas também colabora com as lutas sociais e com as classes menos favorecidas. É uma instituição que pode estar a serviço da reprodução ou da transformação.

Nesse contexto, Serrano (2011, p. 27) afirma que o modelo de universidade é íntimo do modelo da sociedade; porém, é preciso exigir de tal instituição “uma posição contestadora aos conflitos da sociedade e de sua própria estrutura, e mais que isto, uma posição propositiva e alternativa aos modelos contestados”.

Dialogando com as palavras da autora, a universidade pode propor uma parceria com a sociedade, comprometendo-se em ser uma instituição que não seja mera reprodutora, mas contestadora de modelos de educação, prontos e acabados, constituindo-se em um *lócus* responsável pela formação acadêmica, o que nos proporciona compreender que “A práxis do homem não é uma atividade prática contraposta à teoria; é determinação da existência humana como elaboração da realidade” (KOSÍK, 1976, p.222).

Nesse sentido, é preciso que tal lugar abarque uma formação que promova nos seus discentes um desenvolvimento que atenda à construção de um conhecimento voltado para uma ação/reflexão acerca de sua profissão e de seu compromisso social, de modo a colocá-los nas esferas sociais como seres conscientes, de modo a agirem ativamente no mundo e com o mundo, sendo elos no processo de mudanças sociais.

A universidade, que é uma ambiência para a construção do conhecimento, precisa promover atividades que contemplem o pensar e o fazer, de forma integrada. Desse modo, a Extensão, que oportuniza práticas, não pode se distanciar da teoria, pois é necessário que “a reflexão crítica sobre a prática se torne uma exigência da relação Teoria/Prática sem a qual a teoria pode ir virando blá-blá-blá e a prática ativismo” (FREIRE, 2013, p.24), o que teria como consequência uma formação esvaziada de problematização e reflexão acerca dos aspectos educacionais, recaindo, pois, numa prática de caráter transmissível, que impossibilita diálogos que pode sugerir que a Extensão se torne no sentido como nos chama a atenção Freire (1983) para uma ação da universidade de estender seus conhecimentos a sociedade, sem uma comunicação, aqui a universidade é posta como a detentora de saber, concomitantemente a Extensão passa a ser um instrumento eficaz em cumprir tal finalidade da universidade.

Nessa perspectiva, a universidade como retentora do saber, conseqüentemente, a Extensão passa a ser um instrumento eficaz para finalidade desta, acarretando na velha disputa para impor as verdades de grupos que possuem o poder político, econômico, cultural e educacional. Com isso, a Extensão seria mantenedora do *status quo* da elite, sendo, assim, uma atividade acrítica e formadora de sujeitos passivos.

Em contraposição a essa lógica, uma Extensão comprometida com o processo de formação acadêmica oportuniza aos discentes a ampliação de seus espaços de aprendizagem, não se limitando, assim, à sala de aula, de forma a interagir com outras instâncias da sociedade, criando a capacidade de relacionar a teoria e a prática. Tal processo possibilita a compreensão acerca dos conhecimentos já produzidos pela humanidade, como também a criação de novos saberes.

Desse modo, pode-se dizer que a Extensão Universitária surge como um espaço formativo, que permite que os discentes se envolvam em atividades que possibilitam fazer uma interação entre os saberes, num processo que envolve a ação e a reflexão acerca de sua formação, uma vez que a Extensão é umas das dimensões da universidade, que funciona como um canal que liga essa a sociedade, criando possíveis espaços para a abertura de diálogos na produção do conhecimento junto ao ensino e à pesquisa.

Inserida em Projetos de Extensão na Universidade Estadual da Paraíba, ao longo da minha formação de graduada em Pedagogia, venho buscando na Pós-graduação compreender a noção que os discentes possuem acerca da Extensão Universitária em sua formação, além de sua relação indispensável no processo de construção do conhecimento frente à realidade.

Por meio da Extensão, saberes são compartilhados, criando um diálogo na construção do conhecimento, de modo a colaborar com a formação profissional dos discentes, aguçando neles o sentido de responsabilidade social. Nesse sentido, não se pode distanciar a universidade da sociedade, pois ambas se relacionam.

Sabendo disso, a Extensão pode ser considerada um fio condutor nessa interação, possibilitando que os discentes em formação tenham acesso a atividades e produções que envolvam *teorias e práticas*, contribuindo, pois, para uma formação pautada no desenvolvimento da humanidade, que precede uma relação intrínseca entre o fazer e o pensar, em um movimento de ação e reflexão, pois, segundo Freire (2013), a reflexão crítica se torna um momento fundamental acerca da prática.

Nesse momento, é oportuno destacar que o Objetivo Geral deste estudo foi Investigar como a Extensão Universitária pode se configurar em uma atividade de interação de teoria e prática que colabora no desenvolvimento dos discentes envolvidos em projeto de extensão numa relação de práxis? Norteados pelos Objetivos Específicos como: Refletir a Extensão Universitária e sua relação com a sociedade; verificar como a Extensão Universitária pode ser uma possibilidade de encontro de teoria e prática que colabora na formação dos discentes; identificar se a Extensão Universitária contribui por meio de seus projetos no desenvolvimento dos discentes envolvidos em suas atividades.

Esta pesquisa contempla uma abordagem qualitativa, com um estudo de natureza bibliográfica e realização de entrevistas. Participam da pesquisa quatro discentes que atuam em projetos de extensão na Universidade Estadual da Paraíba/UEPB, Campus I, Campina Grande. A coleta de dados ocorre por meio de entrevista estruturada, orientada por cinco questões, as quais são analisadas através de uma perspectiva interpretativista, permitindo uma apreensão nas falas das entrevistadas acerca da Extensão em seu desenvolvimento.

O estudo se encontra organizado em três capítulos respectivamente: Extensão Universitária e sua Intrínseca Relação com a Sociedade; Caminhos da Pesquisa; Formação Universitária no Desenvolvimento dos Discentes Via Extensão Universitária; além destes, as Considerações Finais.

No primeiro, destaca-se uma contextualização acerca da Extensão Universitária e sua intrínseca relação com a sociedade, abordando aspectos históricos que influenciaram o atual modelo Extensão.

O segundo capítulo apresenta o caminho da pesquisa em seus aspectos metodológicos, explicitando o tipo de pesquisa, a escolha do sujeito da investigação, os procedimentos de coleta e análise dos dados.

Por fim, o terceiro capítulo focaliza a análise, por meio das falas e posicionamentos das entrevistadas da pesquisa, buscando uma compreensão de como o projeto de extensão atua na formação profissional e social.

1 EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA E SUA RELAÇÃO INTRÍNSECA COM A SOCIEDADE

Elaborar um entendimento entre a relação da Extensão Universitária com a sociedade requer que situemos a formulação da universidade no tempo, bem como suas mudanças. Assim, é válido lembrar que a universidade é uma instituição que se encontra na sociedade desde a Idade Média, mantendo uma relação com esta, por meio da ciência, cultura, ensino, pesquisa e extensão. É uma instituição milenar, que se desenvolveu e foi concebida conforme pontua Jezine (2006, p. 37):

Uma instituição de produção de conhecimentos científicos, com a característica de universalidade, tendo a finalidade de atender às necessidades de formação de quadros para a igreja, para a Burguesia, para o Estado e Mercado comercial e indústria, bem como a outros interesses específicos da sociedade.

Portanto, a universidade nasce atrelada aos anseios da sociedade da época, atendendo a determinados grupos que compõem os setores sociais, os quais se modificam com o passar do tempo e exigem que tal instituição faça o mesmo, atendendo, assim, as suas novas necessidades.

De acordo com Trindade (1995), na Idade Média, temos uma Universidade pautada no ensino para formação da elite, tendo um enfoque transmissível, o que favorecia a propagação de ideias dogmáticas, bem como das ideologias da elite.

Em contrapartida, na Idade Moderna, há uma universidade voltada para ciência e pesquisa, marcando a transição dessa instituição no tempo, de modo a abarcar as novas demandas impostas pela modernidade. Nesse contexto, Faria (2001, p. 117) argumenta que:

na sociedade medieval, a Universidade, que era extremamente religiosa, vai ser substituída, na Renascença, por uma Universidade identificada com as artes, as ciências e os valores do Iluminismo, tornando-se, nos tempos modernos, Universidade demasiadamente técnica, especializante. As atividades que as duas épocas exerceram e que poderíamos considerar como precursoras da Extensão Universitária passariam de caráter tipicamente missionário para outro mais criativo, cultural. Culminaram, no terceiro momento, moderno, por efetivamente constituírem-se como Extensão de cunho profissionalizante e assistencialista, hoje tida como Extensão Tradicional, ainda muito identificada com o mundo europeu.

Sabendo disso, a universidade medieval, pautada no ensino, já não mais atendia ao novo modelo de sociedade. Assim, esta “começa a ceder espaço para a universidade moderna

como a nova forma encontrada para responder às demandas sociais criadas com o advento da Revolução Industrial, no século XVIII” (SOUSA, 2010, p.14).

Essas mudanças, ocorridas na universidade, são contemporâneas ao nascimento da Extensão Universitária, que, sendo uma de suas atividades acadêmicas, acompanha as modificações ocorridas com esta ao longo do tempo, como identifica Faria (2001). Nesse sentido, se tínhamos uma Extensão de caráter missionário, com as mudanças na sociedade, surge uma mais voltada para o aspecto criativo, cultural, mas também profissionalizante e de cunho assistencialista.

Nessa medida, a Extensão Universitária é posta como um canal que estabelece uma interação entre a universidade e a sociedade, visando construir um conhecimento capaz de provocar mudanças nas realidades sociais. Severino (2007, p. 31) indica que a Extensão funciona como um cordão umbilical entre a universidade e a sociedade, tornando-se uma “exigência intrínseca do ensino superior em decorrência dos compromissos do conhecimento e da educação com a sociedade”.

A Extensão é oriunda do modelo proposto pela Revolução Industrial, que provoca novas necessidades na sociedade, estabelecendo que a universidade ultrapasse o ensino de formação para a elite, que já não mais correspondia aos interesses ingleses, uma vez que precisariam de força de trabalho para atender a emergente sociedade industrial. Sendo assim, a universidade inglesa, por meio da Extensão, passa a promover cursos para as camadas populares, garantindo mão de obra para a indústria.

Destarte, conforme Wanderley (2003) e Sousa (2010), a Extensão, desenvolvida em países europeus, tinha o caráter de assistencialismo. Em países norte-americanos, estava sob a ótica de prestação de serviço. Enquanto na argentina, apresentava-se com um caráter social, ligado aos movimentos sociais. Discutiremos no próximo tópico esses modelos de Extensão e sua relação com a sociedade.

1.1 A Extensão Universitária no Brasil: um breve histórico de sua relação com a sociedade

A Extensão é uma atividade da universidade, que busca estabelecer uma relação com a sociedade, seja para atender suas demandas, como também procura junto ao ensino e pesquisa criar interfaces que possibilitem a construção do conhecimento acadêmico, de modo a

provocar mudanças nos setores da sociedade. Ela tem em sua constituição histórica as marcas da universidade voltada para atender a sociedade, como afirma Tavares (2001, p. 74):

Historicamente coube à Extensão Universitária a tarefa de realizar a socialização do conhecimento visando atender às necessidades da sociedade até porque existe um consenso, entre estudiosos da Extensão Universitária, de que a gênese dessa atividade remonta ao século XIX, à Inglaterra, país-berço do capitalismo, quando a Universidade é levada a diversificar as suas atividades, para atender às necessidades geradas pela Revolução Industrial, que lá tivera início.

É com a chegada da Revolução Industrial que a universidade, via Extensão, oferece cursos livres, para camadas populares (modelo europeu de extensão), destacando-se como prestadora de serviços (modelo de extensão norte-americana) e tendo seu caráter social aguçado pelo modelo de extensão da América Latina (MELO NETO, 2012; SOUSA, 2010).

Como a universidade foi concebida para atender a determinadas necessidades de diferentes grupos que detêm o poder econômico, político, cultural, educacional, a Extensão é vista, conforme Reis (2010), como uma *vilã* por alguns estudiosos que a enxergam como um meio de domesticar e impor conhecimento. Entretanto, é tida por outros como uma *fada madrinha*, que pode ser proativa em contribuir para a melhoria de vida das pessoas e possibilitar que todos envolvidos nela ganhem aprendizados.

No Brasil, a Extensão será permeada pela influência europeia, norte-americana e da argentina, como afirma Melo Neto (2001) que, essa terá um caráter assistencialista advinda da Europa, traços de prestação de serviço adquiridos pelos norte americanos e da argentina possui traços voltados ao caráter social.

Desse modo, esses modelos de Extensão cumpriram um papel junto à sociedade brasileira. Na década de 1960, observa-se uma Extensão voltada para o assistencialismo e prestação de serviços, sendo uma forma de o Estado utilizar a universidade a seu favor, a exemplo do Projeto Rodon, que foi fruto de uma atividade para atender às demandas da sociedade. Com isso, destaca-se a instalação de uma Extensão monopolizadora:

[...] as práticas extensionistas são institucionalizadas sob uma perspectiva domesticadora, de controle e forma de abrandamento às necessidades sociais, culturais e educacionais da população que começa a pressionar pelo o acesso à escola e à educação superior, são exemplos dessa estratégia de governo os programas de atuação esporádica, como o Projeto Rondon, CRUTAC (SERRANO, 2011, p. 31).

Nesse mesmo período, existiam grupos opostos a esse modelo de Extensão, a exemplo dos estudantes brasileiros, que, entusiasmados pelo ideário do Movimento de Córdoba –

surgido na Argentina em 1918 – traziam percepções de estudantes argentinos acerca de uma Extensão voltada para o papel social da universidade. O Movimento de Córdoba conferia à Extensão

a função de vincular a universidade a sociedade. Este manifesto passou a influenciar efetivamente os discursos oficiais e as propostas dos seguimentos componentes da estrutura universitária na questão da missão social da Universidade. Dessa forma, abriu espaços que possibilitaram uma Universidade mais crítica, com uma visão de instituição que mantivesse um compromisso com a Sociedade, na direção não só de seu desenvolvimento mas também de sua transformação (SOUSA, 2010, p.32).

Essa proposta de Extensão não compartilhava do ideário de um Golpe Militar, que pretendia manter a sociedade e a universidade silenciadas como forma de domesticá-las ao seu propósito de governar, para manter o *status quo* social.

No Brasil, a partir da década de 1980, através de uma reabertura política, acontece um debate da Extensão, almejado pelos docentes das universidades. Desse modo, esta não se resumia mais ao assistencialismo e à prestação de serviços. Pode-se dizer que o modelo de Extensão da Argentina, pautado na relação entre universidade e sociedade, era mais adequado ao ideário de Extensão no Brasil.

Nesse cenário de redemocratização na década de 1980, em que há uma luta por transformações sociais, a universidade, tendo um caráter social, não poderia ficar no reducionismo de um ensino bancário e transmissível de ideias prontas para a sociedade, tampouco se limitar a “depositar” conteúdos nos discentes, o que a tornaria uma instituição detentora de um saber dominador, fato que impossibilitaria o processo de ação e de reflexão sobre a realidade.

Destarte, a atividade de Extensão, sob o prisma do assistencialismo e da prestação de serviços, precisava ser “superada”, abrindo espaço para um novo modelo de extensão, no qual haveria a articulação entre a universidade e a sociedade sob a luz do social e do princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, que, na verdade, já era uma proposta defendida pelos estudantes e posteriormente os docentes.

Essas ideias dos docentes puderam ser reveladas no Fórum dos Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras em 1987 (data que marca o início desse fórum no Brasil, realizado em Brasília), que se constituiu em um espaço para discutir e produzir propostas para Extensão Universitária. Nessa mesma data, foi realizado o I Encontro Nacional de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras. Assim, no documento supracitado, o resultado do fórum estabeleceu que:

A extensão universitária é o processo educativo, cultural e científico que articula o ensino e a pesquisa de forma indissociável e viabiliza a relação transformadora entre a universidade e a sociedade. A extensão é uma via de mão-dupla, com trânsito assegurado à comunidade acadêmica, que encontrará, na sociedade, a oportunidade da elaboração da práxis de um conhecimento acadêmico. No retorno à universidade, docentes e discentes trarão um aprendizado que, submetido à reflexão teórica, será acrescido àquele conhecimento. Este fluxo, que estabelece a troca de saberes sistematizados/acadêmico e popular, terá como consequência: a produção de conhecimento resultante do confronto com a realidade brasileira e regional; e a democratização do conhecimento acadêmico e a participação efetiva da comunidade na atuação da universidade. Além de instrumentalizadora deste processo dialético de teoria/prática, a extensão é um trabalho interdisciplinar que favorece a visão integrada do social (FORPROEX, 1987, s. p.).

Por meio desse *Fórum*, fica evidenciado que o conceito de Extensão, como um espaço de troca de saberes entre a academia e a sociedade, - caracterizada como via de mão dupla possibilita uma “relação dialógica” entre os setores sociais, contribuindo para a construção de conhecimentos, superando a concepção de Extensão como via de mão única, que sugere que a universidade leva o conhecimento à sociedade.

Segundo Freire (1983), essa prática extensionista na perspectiva de via de mão única estaria sendo usada como um instrumento de transmissão do conhecimento universitário aos espaços sociais, reduzindo o termo “extensão” a uma simples ação de estender o saber pronto e acabado, o que coloca a universidade como suposta detentora do único e verdadeiro conhecimento.

Nesse *Fórum*, ficou estabelecido para a universidade o princípio de indissociabilidade, que envolve o ensino, a pesquisa e a extensão, os quais devem permear o percurso de formação acadêmica de seus discentes.

Santos (2008, p. 25), fazendo referência à globalização na década de 90, reflete que desde 1980 esse modelo de desenvolvimento econômico já se impusera internacionalmente. Tal modelo, denominado de neoliberalismo ou globalização neoliberal, impactaria também a universidade, que “de criadora para concorrência e para o sucesso no mercado, transforma-se ela própria, gradualmente, num objeto de concorrência, ou seja, num mercado”. Para esse autor, a pressão produtivista na universidade pode esvaziar sua preocupação humanista ou cultural, a exemplo da educação permanente, que tem sido posta para atender mercado.

Conforme Jezine (2014), a década de 1990, que abarca um mundo globalizado, com transformações econômicas e abertura de mercado, originou uma universidade mais voltada a atender o mercado do que preocupada com as transformações; conseqüentemente, temos uma Extensão mercantilista, que se coloca a favor da produtividade e da competição em detrimento das classes populares, da comunidade acadêmica, do ensino e da pesquisa. Assim,

não mais se acentua a preocupação no atendimento às necessidades sociais da comunidade, a exemplo da concepção assistencialista, ou mesmo a integração do ensino-pesquisa, da relação universidade e sociedade e/ou da relação teoria-prática, em uma perspectiva dialética, como proposto pela concepção acadêmica. Outra concepção ideológica tem se constituído frente às novas exigências da sociedade globalizada, [...] deixa-se de privilegiar o atendimento aos grupos excluídos e passa a tratar a todos como consumidores. Dessa forma, o produto da universidade transforma-se em mercadoria a ser comercializada e a extensão passa a ser um dos principais canais de divulgação e articulação comercial (JEZINE, 2004, p. 04).

Dessa forma, essas são as imposições do pensar e do fazer, seja da classe dominante ou do mercado que vêm permeando a história da universidade e, paralelamente, a da Extensão até à contemporaneidade, instigando pensar a educação e a sociedade fora da lógica mercadológica.

Nesse sentido, como a universidade está sujeitada a reproduzir as ideologias das classes dominantes, também se encontra apta a romper com essa reprodução, por meio de uma educação que provoque práticas educativas insubmissas, bem como formando cidadãos/ãs conscientes de seu papel no mundo. Com isso, Sousa (2010, p. 129) expõe que “Ela, como instrumento de elaboração dos “intelectuais de diversos níveis”, precisa, de um modo orgânico, colocar-se a serviço da Sociedade, sem favorecer a manutenção da hegemonia de uma classe em detrimento da sobrevivência das demais”.

Observa-se que a universidade não é uma instância estática do modo de ser de uma classe dominante, visto que esta pode se colocar frente às necessidades e anseios das classes subalternas, sendo fruto de uma sociedade excludente e marcada pela exploração do homem pelo homem, repercutindo, assim, nas desigualdades sociais.

Tais desigualdades podem ser percebidas na forma como a sociedade brasileira foi construída, através da exploração de suas riquezas. Galeano (2019) argumenta acerca de uma América Latina explorada e submissa aos interesses externos desde a colonização engajada pelos europeus e norte-americanos, que, com seu imperialismo, representam formas eficazes de dominação, de modo que o Brasil não se encontra fora desse processo de exploração que acarretou em sérias desigualdades para os latino-americanos.

Esse processo também foi vivenciado pela universidade brasileira, pois esta incutiu o pensamento de grupos detentores de poder, os quais necessitavam dessa instituição para monopolizar o pensar e o fazer de forma unilateral. Entretanto, é possível que no seu interior seja desenvolvida uma educação que comungue com a liberdade, que proporcione um pensar e fazer aos discentes, para que estes não sejam consumidores de conteúdo, de cultura, mas, sim, seres capazes de refletir e de agir, rejeitando depósitos de transferência de um saber pronto e acabado. Com efeito,

Essa é a razão pela qual, para nós, a “educação como prática da liberdade” não é a transferência ou a transmissão do saber nem da cultura; não é a extensão de conhecimentos técnicos; não é o ato de depositar informes ou fatos nos educandos; não é a “perpetuação de valores de uma cultura dada”; não é o “esforço de adaptação do educando a seu meio” (FREIRE, 1983, p.78).

Desse modo, faz-se necessária uma universidade voltada para formação universitária, que estabeleça um compromisso de inventar e reinventar a si e a sociedade, que hoje se encontra atrelada ao modo capitalista de ter, ou seja, o lucro acima de tudo e de todos. Assim, “pessoas e todos os outros elementos da natureza ou são, ou podem ser transformados em mercadorias” (SALES, 1999, p.113). Isso inclui a educação, que é vista como uma mercadoria de preço e resultado expirador, útil ao mercado.

A universidade é uma instituição social, que forma discentes, sendo amparada por um ensino sistemático, que pode ser organizado para atender as necessidades no campo político, cultural, econômico e educacional da sociedade civil, podendo assumir um caráter de manutenção ou de insubmissão da lógica do capital.

Segundo Cruz (2017), a universidade se encontra hoje perpassada por modelos educacionais autoritários, sendo permeada por ameaças liberais, como também, voltada para uma formação universitária que atenda ao mercado, com uma lapidação de profissionais com um perfil individualista, ou seja, descompromissado, que não se solidariza com a desumanização, com opressões e situações de exclusão que acomete a vida da maioria das pessoas no mundo.

Isso é fruto de uma sociedade capitalista, basilar do consumo e lucro como um combustível para a vida, em que tudo é posto como mercadoria de valor, inclusive, a própria educação, e as pessoas são transformadas em coisas. Entretanto, para Cruz (2017), essa universidade encontra diferentes resistências a esse modelo hegemônico.

Nessa medida, sabendo que tal instituição é uma invenção da sociedade, ela pode ser permeada por uma educação libertadora, que renegue um modelo educacional, embasado pela lógica do capital, que diz ser o único possível na sociedade capitalista; o que, conseqüentemente, abarca um treinamento técnico, adaptando o discente a sobreviver na sociedade sem questioná-la ou pensar em mudá-la:

A ideologia fatalista, imobilizante, que anima o discurso neoliberal anda solta no mundo com ares de pós-modernidade, insiste em convencer-nos de que nada podemos contra a realidade social [...]. Do ponto de vista de tal ideologia, só há uma saída para prática educativa: adaptar o educando a esta realidade que não pode ser mudada. (FREIRE, 2013, p.21)

Em contraposição a uma educação opressora e mantenedora de privilégios de uma classe dominante, que dissemina um modelo ideal de educação, baseada nos princípios de mercado e de sujeição a um *status quo*, Freire (2013) em sua pedagogia do oprimido, expõe como libertadora uma pedagogia na qual o homem e a mulher se encontram empenhados na luta por sua libertação, envolvidos em uma práxis em constante reflexão e ação acerca do mundo, para nele provocar transformações.

Comungando com essa ideia de uma educação fora de um modelo mercadológico e a favor de mudanças, Mészáros (2008) sugere que uma mudança educacional radical não pode se limitar aos interesses do capital, isso significaria deixar para trás, de forma consciente ou não, uma transformação social qualitativa, mesmo sabendo que vivemos em uma sociedade capitalista e que a universidade está intimamente ligada a esta. Porém, isso não a torna sujeita a ser reprodutora de privilégios e anseios de determinados grupos sociais dessa sociedade.

Nesse sentido, a universidade, por meio da Extensão, se responsabiliza em ser uma instituição emancipadora, com uma educação libertadora, visando uma formação para além do capital, longe da subordinação de uma educação de perspectiva mercadológica, que tende a “converter o trabalho de ensinar-e-aprender em mais uma prática social subordinada à lógica do mercado de bens e de serviços” (Brandão, 2002, p.50). Assim, se contrapondo a uma construção de conhecimento que envolve os discentes em uma práxis comprometida na apreensão e compreensão da realidade, de modo a torná-los cientes de sua participação como seres profissionais e sociais potencializados de ação-reflexão-ação sobre a sociedade e suas transformações Sócio-históricas.

Para Mélo (2018), a Extensão traz em si uma dicotomia na produção do seu conhecimento e de sua relação com a sociedade, podendo elaborar um conhecimento que favoreça a libertação ou a domesticação dos sujeitos. Isso está relacionado ao modelo de formação adotado pelas universidades.

Como dito anteriormente, a Extensão possui uma relação intrínseca com sociedade, sendo não só influenciada pelas demandas sociais, mas também possibilitando um pensar acerca da educação, do acesso à cultura, à pesquisa e ao ensino, através de uma formação voltada para atividades que unam a universidade à sociedade, possibilitando que o discente reflita enquanto sujeito profissional e social.

2 CAMINHOS DA PESQUISA

2.1 Caracterização, descrição dos sujeitos e procedimentos para a realização da pesquisa

Metodologicamente, a pesquisa se constituiu em uma abordagem qualitativa, na qual, como assinalam Bodan e Biklen (1994), o pesquisador está mais interessado no processo do que em resultados ou produtos, dando ênfase ao significado que os participantes atribuem à vida. Coadunado com esse pensamento, Minayo (2007, p.21) expõe que tal abordagem responde a questões particulares do sujeito, ou seja,

ela trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes. Esse conjunto de fenômenos humanos é entendido aqui como parte da realidade social, pois o ser humano se distingue não só por agir, mas por pensar sobre o que faz e por interpretar suas ações dentro e a partir da realidade vivida e partilhada com seus semelhantes.

A escolha por essa abordagem nos possibilitou uma compreensão de como os discentes se relacionam com a Extensão, pois permitiu perceber, através da escuta de suas falas, os significados que estes atribuem ao que desenvolvem e vivenciam nesse espaço. Para tanto, esta foi vinculada à pesquisa bibliográfica, que permite uma aproximação direta do pesquisador/a com obras, artigos, como nos assevera Lakatos e Marconi (2002). Vale dizer que a pesquisa bibliográfica possibilita o acesso a materiais escritos, colocando o/a pesquisador/a em contato direto com a literatura já elaborada.

Nesse momento, é oportuno mencionar que participaram da Pesquisa quatro discentes, sendo três do curso de pedagogia e uma do curso de serviço social, que atuam em Projeto de Extensão na Universidade Estadual da Paraíba/UEPB – Campus I – Campina Grande. Para tanto, selecionamos as discentes que tivessem em atuação por mais de seis meses na Extensão e que mantivessem presença ativa nas atividades propostas pelo projeto.

A construção dos dados desta pesquisa ocorreu por meio de entrevista estruturada, possibilitando que as respostas das entrevistadas acontecessem de forma mais livre. De acordo com Severino (2007, p 125), nesse modelo de entrevista, “[...] as questões são direcionadas e previamente estabelecidas, com determinada articulação interna. Aproxima-se do questionário, embora sem a impessoalidade deste”.

Esse instrumento foi imprescindível, para que as discentes entrevistadas respondessem ao assunto da pesquisa, que foi elaborado em cinco questões (em apêndice), sem estarem essencialmente condicionadas a perguntas da pesquisadora. Sendo assim, por meio destas

questões, buscou-se compreender o que as discentes entendem por Extensão Universitária e se no projeto que atuam existe uma relação entre a teoria e a prática, corroborando para sua formação universitária, em concomitância com seu desenvolvimento profissional e social.

Destacamos que tínhamos planejado realizar as entrevistas de forma presencial, por meio de gravação, para depois transcrevê-las, mas, sabendo que o mundo atravessa uma crise sanitária, decorrente da COVID-19, e que a Organização Mundial de Saúde (OMS) orienta, por exemplo, acerca de um distanciamento social entre as pessoas, esse planejamento foi modificado, de modo que, para o desenvolvimento deste trabalho, entramos em contato, por telefone, com as discentes do Projeto de Extensão da Universidade Estadual da Paraíba, solicitando que participassem deste trabalho, explicitando do que se tratava e que o questionário, referente à entrevista, poderia ser encaminhado para algum endereço eletrônico.

Vale dizer que as entrevistadas aceitaram contribuir com a pesquisa em questão, através de um nome fictício. Além disso, optaram por enviar as questões da pesquisa, por meio de seu correio eletrônico (E-mail). Deixamos claro que se houvesse alguma dúvida ou questionamento sobre as questões estaríamos à disposição para esclarecer, explicar ou dialogar. Da mesma forma, foi acordado que, caso encontrássemos alguma dúvida acerca de suas respostas, entraríamos em contato para qualquer esclarecimento.

É importante destacar que o primeiro contato por telefone foi possível, pelo fato de a pesquisadora possuir uma aproximação com as integrantes dos Projetos de Extensão, em razão de ter feito a graduação na Universidade Estadual da Paraíba, o que possibilitou um diálogo para a realização desta pesquisa.

A análise dos dados desta pesquisa foi de cunho interpretativista, se dispondo em desvelar os significados nas ações e eventos partilhados pelos sujeitos da pesquisa, que são expressos na linguagem e em suas ações (ANDRÉ, 2004).

2.2 Construção para a inspiração da pesquisa

Esta pesquisa, acerca da Extensão Universitária, é fruto de uma inquietação que surgiu desde a graduação, na busca por uma compreensão sobre a formação acadêmica, que se apoia na atividade de Extensão, compreendendo que esta precisa estar interligada ao ensino e à pesquisa, para aprendizagem e desenvolvimento dos discentes que se encontram em processo de formação, sendo vista como uma possibilitadora na construção de um senso de responsabilidade social.

Nesse sentido, é preciso uma formação que não contemple apenas o ser profissional, mas também o social, que diz respeito ao desenvolvimento do sujeito responsável com o pensar e repensar de sua ação no mundo. Assim, compreendemos a Extensão como um espaço propício para o desenvolvimento da consciência do educando em processo de formação, em elaboração da compreensão de si e do mundo, compreendendo, assim, o papel da educação na práxis com a responsabilidade social.

Durante a minha graduação, tive a oportunidade de participar de atividades da universidade, a exemplo de Monitoria, Pesquisa e Extensão, mas nutri o interesse em compreender e buscar refletir sobre o processo de formação acadêmica, vinculado à Extensão, que, várias vezes, é posta de lado, como nos confirma Melo Neto (2004, p. 18): “ O mais curioso é que a extensão, muitas vezes, é considerada como uma espécie de sobra na universidade, podendo ser tudo aquilo que não se identifique como atividade de ensino e pesquisa”.

Nesse contexto, percebo que colegas, do espaço acadêmico, preferem fazer Pesquisa, pois esta tem um lugar de visibilidade na universidade, enquanto a Extensão é vista como “uma prima indigente” do ensino e da pesquisa, ou seja, tendo uma dimensão coadjuvante, o que pode inibir sua potencialidade enquanto atividade que proporciona interação entre ensino, pesquisa, discentes, professores e sociedade.

Vale dizer que participei de projeto de pesquisa, vinculado à extensão (*Formação Complementar e Continuada em Educação Ambiental: da prática educativa à cidadania*), como aluna bolsista de extensão na cota de 2013 a 2014, bem como voluntária na cota de 2014 a 2015. Além disso, participei do projeto *Educação Popular como Mobilização da Cultura de Emancipação Humana*, que acabou se tornando campo de minha pesquisa intitulada *Extensão Universitária: Possibilidade de Ampliar a Formação Acadêmica Frente às Demandas da Sociedade*, para a conclusão do curso de Pedagogia, na Universidade Estadual da Paraíba, em 2018.

Desse modo, através da minha formação, pude compreender que a Extensão envolve uma relação entre a universidade e a sociedade, mas não a coloco como atividade salvadora de mudanças sociais, tampouco como a única possível de formação voltada para formar um profissional social, pautado na teoria e na prática, uma vez que insisto em afirmar que a Extensão se encontra com o ensino e à pesquisa, para desempenhar tal papel.

A Extensão universitária em si, de forma isolada, não poderia cumprir um papel significativo na formação discente, visto que a sua relevância se encontra na criação de

relações possíveis, que envolvem outras modalidades acadêmicas como imprescindíveis na sua relação com o ensino e a pesquisa.

Entretanto, entendo que a Extensão é uma dimensão da universidade promotora de relações entre seus professores, discentes e técnicos com a sociedade possibilitando um encontro de diálogos permeados por uma comunicação que pode desvelar em uma práxis que colabore na construção do ensino, da pesquisa, do conhecimento, repercutindo em um processo educativo, engajado em promover possíveis mudanças na consciência econômica, social cultural e educacional nas esferas da sociedade, bem como na formação dos discentes da universidade.

3 FORMAÇÃO UNIVERSITÁRIA NO DESENVOLVIMENTO DOS DISCENTES VIA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

A formação universitária dos discentes na universidade está atrelada ao Ensino, à Pesquisa e à Extensão, atividades que se unem na busca por desenvolver conhecimentos para pensar realidades, como também mudá-las. Essa formação, por sua vez, pode ser reflexo da sociedade, que lhe compõe e também lhe dar sentido (CRUZ E VASCONCELOS, 2017)

Além disso, vale destacar que a Extensão se constitui em um espaço propício de aprendizagem e de um canal entre a universidade e a sociedade, que “possibilita um diálogo para construção do conhecimento, proporcionando uma formação acadêmica fundada na práxis, dando base para que os discentes atuem nos espaços sociais de forma ativa” (MÉLO, 2018, p.69).

Ao colocarmos que a Extensão é um espaço de aprendizagem e de diálogo, compreendemos que nesta ocorre uma ação educativa, a qual, conforme Duarte (1993), acontece na interação de um ser singular (educando) com outro ser singular (educador), sendo realizada a partir de condições singulares, ou seja, materiais e não materiais, que dependem da existência da história social. A formação do ser humano envolve um conjunto de elementos historicamente produzidos pela humanidade, o que vale dizer que toda ação educativa é uma singularidade histórica social.

Segundo Vygotsky (2014), as interações dos sujeitos com o meio cultural e o outro (ser social) reacende a capacidade de imaginação criativa. Assim, ao longo do desenvolvimento humano, dois aspectos são relacionados fortemente à atividade humana ser o fulcro do exercício da criatividade: o primeiro diz respeito ao comportamento humano estar sempre atrelado às impressões da memória reprodutiva do passado; o segundo projeta o sujeito a modificar o presente e a produzir novas formas de reelaborar o futuro, por meio da capacidade de se reinventar enquanto indivíduo que pensa e age, não no isolamento, mas na coletividade.

Nessa medida, ao pensarmos em uma formação universitária, pautada na ação educativa e na formação humana, criadora de possibilidades que transformam a experiência acumulada em ação social de avivamento de mudança, é que vemos a Extensão como um território que envolve a práxis, proporcionando ao discente mergulhar na teoria e na prática, em um movimento de ação e reflexão de sua prática social. Assim, entende-se esta como uma atividade possível de transformação da realidade histórica e social.

Nesse aspecto, “dizer que a atividade humana é sempre social equivale a dizer que ela é sempre histórica” (DUARTE, 1993, p. 77). E por entendermos que a construção da atividade de Extensão é histórica e que essa é educativa, é que acreditamos que ela é capaz de originar outro olhar na forma de fazer e pensar dos discentes.

Destarte, compreendemos que o desenvolvimento dos discentes não se pauta necessariamente no campo cognitivo, mas se expande para questões sociais e subjetivas, frente às realidades nas quais se encontram inseridos, sendo fundante em uma relação entre sua formação e o compromisso social, pois:

A compreensão das coisas e do seu ser, do mundo nos fenômenos particulares e na totalidade, é possível para o homem na base da abertura que eclode na praxis. Na praxis e baseado na praxis, o homem ultrapassa a clausura da animalidade e da natureza inorgânica e estabelece a sua relação com o mundo como totalidade. (KOSIK, 1976, p.227)

Dessa forma, procuramos buscar nas falas das entrevistadas a compreensão que estas possuem da Extensão Universitária na sua formação, bem como no seu desenvolvimento. Ao colocarmos a intenção de discutir a Extensão na formação dos discentes, percebe-se que, as atividades realizadas nesse espaço, como nos assevera Síveres (2013, p.172), “desencadeiam processos de desenvolvimento no indivíduo, não só em sua formação inicial, mas ao longo da sua vida profissional”.

Inseridos no contexto de uma formação exercida no entrelaço da comunhão entre a teoria e a prática, processos considerados indissociáveis por nós na construção de uma formação profissional e humana, compreendemos que o processo do ser, pensar e agir se fundam na sua teoria e prática.

Para essa compreensão, apresentamos, a seguir, as falas das entrevistadas, buscando desvelar a visão que estas formulam acerca da Extensão na sua formação universitária. Para mantermos os nomes das participantes em sigilo, atribuímos pseudônimos, como: Caminhos, conhecimentos, diálogo, aprendizagem; nomeadas, assim, por sabermos que estes são elementos da Extensão.

Quando perguntadas sobre *o que compreendem por Extensão Universitária*, as respostas foram as seguintes:

Entendo a Extensão Universitária como uma ampliação do espaço acadêmico. É um espaço dedicado às novas aprendizagens, que refletem a realidade dos fatos, para que possamos pensá-los e administrá-los à luz das teorias, ao nos aproximar da comunidade e nos inserir nas suas questões cotidianas. (CAMINHOS, 2020)

A Extensão Universitária é uma dos pilares de sustentação da Universidade Pública no Brasil, na qual tem como finalidade promover ações junto à comunidade, buscando atuar em suas necessidades, podendo ser artística, cultural, educativa, política e saúde. (CONHECIMENTO, 2020)

Constitui-se a partir de um grupo de pessoas, que junta o saber acadêmico e o saber social de uma determinada comunidade, ou seja, Extensão não é um produto acabado, a comunidade também contribuir na construção de um saber coletivo, sendo assim, uma via de mão dupla. (DIÁLOGO, 2020)

É uma forma de aproximar a universidade da sociedade [...]. (APRENDIZAGEM, 2020)

De acordo com as discentes entrevistadas, a Extensão, além de exercer uma relação com a sociedade/ comunidade, provoca (ou mobiliza) processos educativos. A Extensão surge como uma atividade da universidade em relação com a sociedade, unindo teoria e prática, na busca por construir conhecimentos que atendam as necessidades artísticas, culturais, educativas, políticas e de saúde da sociedade, sendo um espaço de aprendizagem, para refletir acerca das realidades e intervir nelas. Assim, na visão das entrevistadas, pode-se dizer que:

A Extensão afirma-se como uma articuladora entre teoria e prática, que permite uma atuação na realidade. Assim, não se pode pensar uma universidade fora da sociedade, na visão dos estudantes, fica evidente que essa relação é necessária e de ajuda na construção de conhecimento (MÉLO, 2018, p 67).

Para Mélo (2018), a Extensão se constitui em uma relação que propicia um elo entre universidades e sociedade. E, dessa interação, surge a possibilidade de construir conhecimento, desfazendo a ideia de um saber que fica restrito ao ambiente universitário.

A Extensão, por sua vez, não se torna um produto acabado na universidade, uma vez que a comunidade também tende a contribuir para um saber coletivo, provocando um movimento que relacione teoria e prática, ressoando na ação e reflexão acerca das realidades, sendo uma “Praxis na qual a ação e a reflexão, solidárias, se iluminam constante e mutuamente. Na qual a prática, implicado na teoria da qual não se separa, também numa postura de quem busca o saber, e não de quem passivamente recebe” (FREIRE, 1983, p.80).

Nesses termos, a Extensão é um espaço de desenvolvimento do saber entre a universidade e a sociedade, unificando a reflexão e a ação nos espaços sociais. Com isso, a Extensão Universitária tem a responsabilidade de efetivar as relações sociais da universidade com a sociedade.

Em seguida, as entrevistadas foram questionadas acerca *dos motivos que as levaram a participar do Projeto de Extensão*. Em suas falas, podemos perceber que sua participação em Projeto de Extensão surge do interesse de expandir o conhecimento para além da sala de aula,

buscando relacionar a teoria com as realidades construídas, indo além dos muros da universidade, construindo uma formação pautada na práxis.

Tais entrevistadas visualizam a Extensão como um espaço propício ao processo educativo, para sua formação e para colaboração com a sociedade, uma vez que permitem mergulhar na realidade, desvelando uma educação pautada em um fazer permanente.

Nesse sentido, para as entrevistadas, a Extensão é um espaço de expansão do conhecimento. Acerca disso, Severino (2007) nos assevera que este é um diferencial no agir humano, o que o diferencia de outras espécies, ou seja, o conhecimento é elemento específico e basilar na construção do destino da humanidade.

Tomando como base o conhecimento na construção da humanidade, a formação universitária não pode se limitar ao repasse de informações em sala de aula (ensino). Nas falas das entrevistadas, pode-se dizer que a extensão apresenta um espaço profícuo de formação pautada em uma práxis que não “dicotomiza o seu quefazer em dois momentos distintos: um em que conhece, e o outro em que fala sobre seu ‘conhecimento’, seu quefazer é permanente ato cognoscitivo” (FREIRE, 1983, p. 79).

Assim, as participantes compreendem que sua formação universitária não é baseada na transmissão de conhecimentos e que o espaço de sala de aula se torna maior quando vinculado às realidades que pulsam na sociedade:

Participo do Projeto de Extensão, porque gosto de aprender, ensinar, pesquisar, mergulhar na realidade [...] para assim pensarmos, em conjunto, em soluções/melhorias que venham a otimizar as relações e solucionar conflitos, através da reflexão de todo o grupo. (CAMINHOS, 2020)

O que me motiva a participar dos projetos de extensão é o fato delas me possibilitarem uma formação que vai além da sala aula, sendo de modo mais prático e que enriquece o meu currículo, além de me possibilitar a ampliação dos conhecimentos de modo interdisciplinar. (CONHECIMENTO, 2020)

Faço parte da extensão por ser um fator importante para a formação acadêmica, onde o estudante coloca em prática tudo que apreendeu dentro das paredes da sala de aula, ou seja, é uma forma dos estudantes vivenciarem na prática elementos de suas áreas de atuação, contribuindo diretamente a população. (DIÁLOGO 2020)

Justamente por poder esta mais próxima a sociedade, podendo retribuir a mesma a minha formação, a extensão me torna mais humana, por me permitir essa proximidade com as pessoas, podendo ver de perto as diferentes realidades, além de colocar em prática as teorias vistas em sala de aula. (APRENDIZAGEM, 2020).

Outra questão levantada foi: *Existe, no Projeto de Extensão, uma relação entre a teoria e a prática? Como?* As discentes afirmam que nos projetos que atuam existe a relação entre a teoria e a prática, sendo fator indispensável para a existência da Extensão, uma vez

que não se consegue pensar a realidade sem a teoria; é uma falácia acreditar que exista uma sem a outra.

Vimos que, nas respostas anteriores, as entrevistadas, de forma implícita ou explícita, afirmam e reafirmam que sua formação precisa unir a teoria à prática, visando mudanças na realidade.

Para Freire (2013), os homens se constituem em seres do quefazer, diferentemente dos animais, que são seres do fazer. Assim, buscam conhecer a realidade, com o intuito de transformá-la com seu trabalho, em um processo de ação e reflexão, pois seu fazer é práxis. Nesse sentido, pode-se dizer que a Extensão é

um trabalho social útil sobre a realidade, realizando-se como processo dialético de teoria e prática dos envoltos nesse trabalho, externando um produto que é o conhecimento novo, cuja produção e aplicabilidade possibilitam o exercício do pensamento crítico e do agir coletivo (MELO NETO, 2006, p. 79)

Isso pode ser verificado nas falas das entrevistadas:

É imprescindível que não pensemos na teoria e na prática como duas ações que podem ser isoladas, gerando uma dicotomia. A relação entre teoria e prática é íntima, onde uma não acontece sem a outra. [...] é através do aporte teórico que conseguimos desenvolver estratégias de intervenção, provando a impossibilidade de dissociação entre teoria/ prática e a incapacidade de existência de um Projeto de Extensão sem essa relação. (CAMINHOS, 2020)

Sim! Para que haja uma extensão universitária, é necessário que haja uma práxis, que acontece quando antes de irmos a campo a nossa prática se fundamenta em um teórico e uma metodologia. (CONHECIMENTO, 2020)

Existe um equívoco, uma falácia que diz: "na prática, a teoria é outra". Não existe prática sem teoria, nem teoria sem prática. Ambas dependem uma da outra. Portanto, existem nos projetos a relação teoria e prática, pois as ações são desenvolvidas por meio de leituras de teóricos, escritores e a leitura do real. Quando se ler Marx, por exemplo, não dá para desvincular a teoria dele do real, pois se estuda as contradições do sistema e no que ele afeta a vida do indivíduo, como da sociedade em geral. Outro exemplo, é quando se ler Paulo Freire, que diz que os homens se educam entre si, tanto um professor intelectual renomado, que vai ensinar a um aluno que morar em um vilarejo distante, ambos tem um conhecimento a oferecer. (DIÁLOGO, 2020)

Sim. A partir do momento que me permite o contato e o convívio com outras pessoas e realidades, me permitindo executar os ensinamentos recebidos na universidade, e mais importante me ajudando a manter sempre um olhar humano para com todos, sempre nos colocando no lugar do outro e assim buscando exercer o meu papel da melhor forma possível, contribuindo para transformar e melhorar a sociedade, a qual estou inserida, lutando por oportunidades e melhorias para todos (APRENDIZAGEM, 2020).

Nesse contexto, houve outro questionamento: *Qual a relação entre as atividades desenvolvidas no Projeto de Extensão com a sua formação profissional e social?*

As discentes colocaram que as atividades desenvolvidas no projeto de extensão, do qual fazem parte, oportunizam subsídios para sua formação profissional e social, contribuindo para sua atuação frente às realidades de sua profissão, assim como as demandas da sociedade. A Extensão aparece como um canal possibilitador de uma formação universitária potencializada pela interação do pensar e fazer acadêmico, com um olhar atento para o social.

Desse modo, tais participantes apresentam uma compreensão de sua formação universitária compromissada com seu ser profissional e social. Com isso, para Freire (1981, p. 20), uma condição necessária, para se assumir um ato comprometido, se encontra na capacidade de agir e refletir, pois “Quanto mais me capacito como profissional, quanto mais sistematizo minhas experiências [...], mais aumenta minha responsabilidade com os homens”.

Assim, pode-se observar que o projeto de extensão tem proporcionado em suas atividades o reconhecimento de um compromisso profissional articulado com o social, concebendo a Extensão como um elemento eficiente na possibilidade dessa junção na formação universitária. Nesse sentido, a Extensão exige da comunidade universitária a inserção dos seus discentes na realidade, criando projetos que se tornem canais efetivos em sua formação:

O Projeto de Extensão no qual estou inserida aborda a temática de Direitos Humanos e o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) no currículo escolar. Estou concluindo minha graduação no curso de Pedagogia. Sendo assim, a relação deste Projeto com minha formação profissional e social é de extremo respeito aos seres humanos, quando nos propomos a conhecer e disseminar estes direitos tão importantes, principalmente neste momento tão nebuloso pelo qual estamos passando. [...] Logo, a função da nossa formação profissional está intrínseca à nossa formação social e à formação social de outras pessoas e isto torna a temática do nosso Projeto muito relevante. (CAMINHOS, 2020)

Levando em consideração o Projeto de Extensão voltado à formação docente direcionado às tecnologias digitais, percebo que a medida que compreendemos que a sociedade atual está imersa num contexto tecnológico, onde as mídias digitais tem tomado grandes proporções e estando presentes na vida cotidiana dos sujeitos, compreendo que a escola também precisa está preparada para lidar com essas novas demandas sociais, uma vez que métodos tradicionais não são mais efetivos e que existe essa necessidade de uma escola ativa, que ouve o seu aluno, leva em consideração aquilo que lhe atrai e faz parte do seu contexto social. Com isso, o professor precisa está sempre atualizado diante das demandas que surgem, preparando-se para atuar como facilitador, promover o senso crítico de seu aluno e, se caso for necessário, utilizar de meios tecnológicos, estejam preparados para utilizá-los de maneira efetiva e inovadora. (CONHECIMENTO, 2020)

A educação tem por finalidade contribuir na formação do ser social. [...] E as ações do grupo de extensão tem esse intuito de contribuir na vida da sociedade, instigando o gosto pela leitura, como também levando as diversidades culturais existentes, que

é um meio viável para contribuir na construção humana. [...]. Saber o que se passa nas escolas, quais as suas problemáticas, os índices de defasagem nas escolas, são algo que me chama atenção, na busca de procurar um meio que posso contribuir. As diversas políticas sociais pode contribuir para melhorar a aprendizagem no âmbito escolar. Políticas que influenciem o gosto pelo saber, o gosto pela leitura e etc. (DIÁLOGO, 2020)

É uma relação onde ambas se complementam, pois a extensão me possibilita estar nas escolas e conhecer diversas realidades, me preparando para atuar nas mesmas, e assim cumprir o papel social da educação. (APRENDIZAGEM, 2020)

Por fim, segue o último questionamento: *Qual sua reflexão frente o papel da extensão no contexto da formação universitária?*

Para as entrevistadas, fica evidenciado que a extensão tem um papel importante para seu desenvolvimento profissional e social, uma vez que proporciona sua inserção na realidade, ampliando sua formação tanto no campo teórico quanto no prático, corroborando para o conhecimento acerca de sua função profissional, como também seu compromisso com a sociedade. Fica expresso nas falas que a extensão é um espaço de formação contextualizada com a realidade e indispensável na formação universitária. Assim, a Extensão é vista como um

grande alcance pedagógico, levando o jovem estudante a vivenciar sua realidade social. É por meio dela que o sujeito/aprendiz irá formar sua nova consciência social. A extensão cria então um espaço de formação pedagógica, numa dimensão própria e insubstituível. (SEVERINO, 2007, p. 32)

Para Severino (2017), espera-se que o ensino superior não se limite ao conhecimento técnico-científico, mas que possibilite uma nova consciência social aos profissionais formados na universidade.

Como podemos perceber nas falas das entrevistadas, a Extensão ganha uma dimensão educativa em sua formação universitária, uma vez que se insere na realidade e desvela seu compromisso, seja profissional ou social com esta:

A extensão, no contexto da formação universitária, é importante, porque nos insere em um contexto real, que, em muitas vezes, é conflituoso, mas que nos fornece grandes oportunidades de aprendizagem, de reflexão e de ação. A participação em um Projeto de Extensão deveria ser algo disponível para todos os graduandos, pois assim todos teriam a oportunidade de observar, refletir, agir e produzir conhecimento necessário, a fim de enriquecer seus conhecimentos acadêmicos e pessoais. (CAMINHOS, 2020)

A Extensão Universitária traz a possibilidade do estudante ampliar seus conhecimentos na área que este se identifica. Com isso, o aluno que tem a oportunidade de participar de um projeto de extensão, é um aluno que tem mais bagagem teórica e vivências que contribuem efetivamente em sua formação, se

destacando frente aos alunos que não tem essa oportunidade. (CONHECIMENTO, 2020)

A extensão me trouxe algo além do conhecimento que é obrigatório na minha grade curricular, pois posso me capacitar ainda mais praticando diretamente com um público de uma determinada comunidade, como também um profissional que saber criar projetos e tem gosto de fazer pesquisas sobre diversos temas, pois na extensão também nos é proporcionado. Fazemos uma ligação entre a academia universitária e a população, como também faz instigar o gosto a leitura, a fala em público e a capacidade de enxergar a práxis educativa diferente, de uma forma mais dinâmica. (DIÁLOGO, 2020)

Para mim, ninguém podia sair da universidade sem antes passar por um projeto de extensão, pois a mesma nos mostra verdadeiramente a nossa função na comunidade acadêmica e na sociedade, nos prepara para os obstáculos aos quais enfrentaremos durante e depois da formação, a extensão nos possibilita enxergar além dos muros da universidade. (APRENDIZAGEM, 2020)

A Extensão universitária amplia o universo educativo, por meio de uma práxis que envolve fazeres e reflexões, com fundamentos teóricos e práticos, aumentando o acesso à cultura, com a formação dos discentes, através da atividade direta na realidade.

Na visão das entrevistadas, a Extensão se apresenta em sua formação como um elemento ímpar, para compreender o mundo, baseando-se na práxis, de modo a dialogar com a teoria e a prática na construção do conhecimento, favorecendo a sua formação universitária e à sociedade. Desse modo, a Extensão é um espaço de construção de práticas educativas indissociáveis com a realidade, proporcionando aos discentes um compromisso profissional/social com a sociedade e consigo mesmo.

Para as participantes desta pesquisa, a Extensão está fundada numa relação teórica e prática, repercutindo em seu desenvolvimento profissional e social, sendo correlacionada ao desejo de transformação da realidade, possibilitando pensá-la e questioná-la como uma atividade de duplo aspecto: sendo mantenedora de uma ordem que impera um determinado *status quo*, favorecendo a elite ou na urgência de ruptura dessa ordem.

Apreendemos, assim, que a Extensão é uma atividade elaborada pelo humano, como afirma Duarte (1993), visto que a natureza não foi criada pelo homem. Porém, este criou a sociedade e, para não se alienar diante do mundo que criou, é necessário que ele se veja objetivado nesse mundo e o reconheça como produto de sua atividade. No entanto, isso só poderá acontecer, quando o homem transformar as relações sociais em relações para si.

Dessa forma, o homem não pode se deixar influenciar por práticas alienantes. Assim, é na extensão que se desenvolvem aprendizagens possíveis, por meio das relações humanas, experienciadas na vivência com o outro, seja entre os discentes, docentes, técnicos com a comunidade.

Nesse sentido, a Extensão que se funda numa práxis imbuída de ações que objetivam a transformação, exigindo que seu espaço formativo e de relações com a sociedade seja profícuo na apreensão das realidades, uma vez que é “Preciso conhecer as diferentes dimensões que caracterizam a essência da prática, o que me pode tornar mais seguro no meu próprio desempenho” (FREIRE, 2013, p. 67). Vale destacar que a Extensão estabelece ricas relações pela perspectiva do contato humano, possibilitando recorrer aos fundamentos que dão base ao fazer acadêmico, comprometido com o contexto da realidade vivida.

Diante disso, as discentes reconhecem a Extensão como uma atividade que envolve teoria e prática, ação e reflexão, corroborando, assim, para transformação da realidade, mas também de si mesmo, no tocante ao seu desenvolvimento profissional e social, sendo fundada em uma relação de práxis. Com efeito, a Extensão é um espaço dedicado ao envolvimento entre as teorias e aquilo que se realiza na comunidade e na sociedade.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo contemplou uma discussão acerca da Extensão Universitária, refletindo que esta, ao longo dos anos, vem se caracterizando como uma atividade da universidade, que, aliada ao ensino e à pesquisa, vem se constituindo como um elemento na construção da produção científica, cultural, social da sociedade e da formação universitária dos seus discentes.

A extensão se constitui em um espaço universitário, que possibilita a interação da universidade com a sociedade, desvelando-se, assim, em uma atividade propícia ao desenvolvimento dos seus discentes, uma vez que oportuniza relacionar os conhecimentos trabalhados em sala de aula com a realidade que pulsa nos setores sociais.

Na existência de uma sociedade manipulada em um pensar e fazer para o mercado, a universidade se torna, muitas vezes, submissa a essa manipulação, por meio de suas atividades de Ensino, Pesquisa e Extensão. Em contrapartida, tal instituição pode desenvolver práticas educativas insubmissas ao modelo mercadológico de se fazer educação e formação universitária. Isso só é possível, porque “o mundo humano só é porque esta sendo; e só está sendo na medida em que se dialetizam a mudança e o estático.” (FREIRE, 1981, p. 47)

Tendo em vista que a Extensão se apresenta como um espaço profícuo na comunicação da universidade com a realidade, percebe-se que esta vem colaborando, para que os discentes, professores/as desenvolvam ações acadêmicas que sigam em outra direção para construção de um conhecimento que se pautem em benefícios para todos/as que compõem a sociedade.

Nessa direção, este trabalho desvelou uma Extensão que se concretiza em um espaço de interação entre a teoria e a prática, colaborando para o desenvolvimento dos discentes, com uma visão de formação universitária fundada numa práxis intencionada por mudanças.

Dessa forma, as falas das entrevistadas expressaram o desejo de uma sociedade mais igualitária, humanizada, compromissada com todos/as, como também demonstraram a busca por aperfeiçoar sua formação na comunhão entre a teoria e a prática, por meio da Extensão.

Sabendo que a Extensão proporciona a construção de diálogo entre a universidade e a sociedade (realidade), as entrevistadas apontaram, de forma explícita, como dessa interação surge o espaço indispensável para seu desenvolvimento profissional e social, permeado pela teoria e pela prática, que coaduna para sua formação universitária.

Os Projetos de Extensão são tidos pelas participantes como uma experiência que se funda em um espaço de ação e reflexão, de aproximação com a realidade, fazendo com que elas possam refletir acerca de sua posição no mundo, seu compromisso com seu *eu* profissional, ligado ao social, contribuindo para seu desenvolvimento, que abrange a responsabilidade de perceberem que são seres compromissados consigo mesmo, com o outro e com mundo, na construção de conhecimentos que colaborem com a humanidade.

A experiência em projeto de extensão ofereceu às entrevistadas um desenvolvimento em consonância com a teoria e a prática, de modo a ser compreendido como ponte de construção do conhecimento para sua formação vinculada à realidade, em um processo educativo, contido pela práxis.

Nas falas de Caminhos (2020), Conhecimento (2020), Diálogo (2020) e Aprendizagem (2020), a Extensão se apresenta como uma atividade indispensável em seu desenvolvimento, expandindo o conhecimento para além da sala de aula, tendo um olhar mais apurado para a realidade que permeia os muros da universidade, ou seja, a Extensão é uma atividade que embasa a sua formação universitária.

A Extensão Universitária, ainda que se apresente como um meio acessível para atender uma lógica mercadológica, também é espaço de participação de professores/as, discentes compromissados/as com uma formação mais pautada em inconformidades com uma realidade – de uma sociedade e educação subjugadas à lógica do capitalismo – muitas vezes, tida como imutável. Nesse sentido, ela pode apontar e abrir caminhos, para pensar outra educação e sociedade possíveis fora do capital. Assim, nos respaldamos na fala de Aprendizagem (2020), que conclama que nenhum discente poderia sair da universidade sem ter passado pela experiência de participar de Projetos de Extensão, o qual possibilita enxergar além dos muros da universidade.

Dessa forma, a pesquisa em questão apontou caminhos, para que a Extensão seja compreendida em sua relação com a Universidade, com a Formação Universitária e com a sociedade, sendo uma atividade de partida para a construção de outra realidade no âmbito da própria Universidade no que se refere ao seu papel social e educativo com seus discentes e com os espaços sociais.

Ressaltamos que a Extensão Universitária ultrapassa os limites didáticos da sala de aula convencional, sem deixar de lado a necessidade de refletir a respeito das bases teóricas, porém, a partir de fazeres possíveis. Esse processo exerce reflexão das atividades planejadas e desenvolvidas, criando relações, vivências de realidade, que articula o exercício do

pensamento para além do teórico. Tal atividade alarga o universo educativo, por meio de fazeres e reflexões, com fundamentos teóricos e práticos, ampliando o acesso à cultura, com a formação dos discentes.

Nesses termos, compreendeu-se a Extensão Universitária como uma formação pautada na relação entre teoria e prática, colaborando para que os discentes sejam seres atentos às mudanças, como também cientes de que são atores sociais.

5 REFERÊNCIAS

ANDRÉ, M. A pesquisa no cotidiano escolar. In: FAZENDA, I. **Metodologia da Pesquisa Educacional**. São Paulo: Cortez, 2004.

ARAÚJO, Maria Inês Siqueira; BONH, Letícia Ribas Disfentchaeler; GARCIA, Berenice Rocha Zabbot. Universidade e Extensão Universitária: uma relação dialógica entre formação profissional e compromisso social. In: Síveres, Luiz. (Org.). **A Extensão Universitária como um princípio de aprendizagem**. Brasília: Liber Livro, 2013.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. **Investigação qualitativa em educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. Porto: Porto, 2010.

BRANDÃO, Carlos. Rodrigues. **A educação Popular na Escola cidadã**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

CRUZ, Pedro José Santos Carneiro; VASCONCELOS, Eymard. Mourão. **Caminhos da aprendizagem na Extensão Universitária**: reflexões com base em experiências na Articulação Nacional de Extensão Popular (ANEPOP). São Paulo: Hucitec, 2017.

CRUZ, Pedro José Carneiro. Extensão Popular: Situando a Extensão Universitária Orientada Pela Educação Popular. In: CRUZ, Pedro José Carneiro. (Org). **Extensão Popular**: caminhos em construção. Enunciados e fundamentos teóricos da Extensão Universitária pela Educação Popular. João Pessoa: CCTA, 2017.

DUARTE. Newton. **A individualidade para-si** (contribuições a uma Teoria Histórica-Social da Formação do Indivíduo). Campinas, SP: Editora Autores Associados, 1993.

FARIA, Dóris Santos de. Construção da Extensão Universitária: uma Conclusão Des-autorizada. In: FARIA, Dóris Santos de. **Construção Conceitual de extensão universitária na América Latina**. Brasília: Universidade de Brasília, 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 46 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 55 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou Comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

GALEANO, Eduardo H. **As veias abertas da América Latina**. Porte Alegre, RS: L&PM, 2019.

JEZINE, Edineide. As Práticas Curriculares e a Extensão Universitária. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA. **Anais do...** Belo Horizonte. Disponível em: <<https://www.ufmg.br/congnext/Gestao/Gestao12.pdf>>. Acesso em: 12 maio. 2020.

JEZINE, Edineide. **A crise da Universidade e o compromisso social da extensão universitária**. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2006.

KOSÍK, karel. **Dialética do Concreto**. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Técnicas de pesquisa: planejamento e excursão de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2002.

MÉLO, Celâny Teixeira de. Extensão Universitária: possibilidade de ampliar a formação acadêmica frente às demandas da sociedade. 2018. 75. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade Estadual da Paraíba. Centro de Educação, 2018.

MELO NETO, José Francisco. **Extensão Universitária: uma análise crítica**. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2001.

MELO NETO, José Francisco de. **Extensão Popular**. João Pessoa: Editora Universitária, 2006.

MELO NETO, José Francisco de. **Extensão universitária é trabalho**. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2004.

MELO NETO, José Francisco. **Universidade Popular: texto para debate**. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2012.

MÉSZÁROS, István. **A Educação para além do capital**. 2 ed. São Paulo: Bomtempo, 2008.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 26 ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

REIS, Rose. **Pétalas e Espinhos: a extensão universitária no Brasil**. 2 ed. São Paulo: Cia. dos Livros, 2010.

SALES, Ivandro da Costa. Educação popular: uma perspectiva, um modo de atuar. (Alimentando um debate). In: SCOCUGLIA, Afonso Celso; MELO NETO, José Francisco de. (Org.). **Educação popular: outros caminhos**. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 1999, p. 111-112.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A universidade do século XXI: para uma reforma democrática e emancipatória da universidade**. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2008.

SERRANO, Rossana Maria Souto Maior. As Tensões na universidade e as Pretensões da Extensão Universitária Popular. In: BAPTISTA, Maria das Graças de Almeida; PALHANO, Tânia Rodrigues. (Orgs). **Educação, Extensão Popular e Pesquisa: metodologia e prática**. João Pessoa Editora Universitária da UFPB, 2011.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23 ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SOUSA, Ana Luiza Lima. **A história da extensão universitária**. 2 ed . Campinas, SP: Editora Alínea, 2010.

TAVERES, Maria das Graças Medeiros. Os Múltiplos Conceitos de Extensão. In: FARIA, Dóris Santos de. **Construção Conceitual de extensão universitária na América Latina**. Brasília: Universidade de Brasília, 2001.

TRINDADE, Hélgio. **Universidade em ruínas: na república dos professores**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

VIGOTSKI, L.S. **Imaginação e criatividade na infância**. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

WANDERLEY, Luiz Eduardo W. **O que é universidade**. São Paulo: Brasiliense, 2003.

APÊNDICE

APÊNDICE – ROTEIRO DE ENTREVISTA ESTRUTURADA

UEPB- UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA

- 1 O que você compreende por Extensão Universitária?
- 2 Quais os motivos de você participar do Projeto de Extensão?
- 3 Existe, no Projeto de Extensão, uma relação entre a teoria e a prática? Como?
- 4 Qual a relação entre as atividades desenvolvidas no Projeto de Extensão com sua formação profissional e social?
- 5 Qual sua reflexão frente o papel da extensão no contexto da formação universitária?

ANEXO

ENTREVISTAS COM AS DISCENTES

1 O que você compreende por Extensão Universitária?

Entendo a Extensão Universitária como uma ampliação do espaço acadêmico. É um espaço dedicado às novas aprendizagens, que refletem a realidade dos fatos, para que possamos pensá-los e administrá-los à luz das teorias, ao nos aproximar da comunidade e nos inserir nas suas questões cotidianas. (Caminhos)

A Extensão Universitária é uma dos pilares de sustentação da Universidade Pública no Brasil, na qual tem como finalidade promover ações junto à comunidade, buscando atuar em suas necessidades, podendo ser artística, cultural, educativa, política e saúde. (Conhecimento)

Constitui-se a partir de um grupo de pessoas, que junta o saber acadêmico e o saber social de uma determinada comunidade, ou seja, Extensão não é um produto acabado, a comunidade também contribuir na construção de um saber coletivo, sendo assim, uma via de mão dupla. (Diálogo)

É uma forma de aproximar a universidade da sociedade, e assim retribuir para a mesma todo o conhecimento recebido de forma gratuita, contribuindo para a melhoria e o desenvolvimento daquela sociedade e, conseqüentemente, aprimorar a minha formação. (Aprendizagem)

2 Quais os motivos de você participar do Projeto de Extensão?

Participo do Projeto de Extensão, porque gosto de aprender, ensinar, pesquisar, mergulhar na realidade do nosso objeto ao ponto de transcender e sentir suas angústias, tristezas, alegrias, para assim pensarmos, em conjunto, em soluções/ melhorias que venham a otimizar as relações e solucionar conflitos, através da reflexão de todo o grupo. (Caminhos)

O que me motiva a participar dos projetos de extensão é o fato delas me possibilitarem uma formação que vai além da sala aula, sendo de modo mais prático e que enriquece o meu currículo, além de me possibilitar a ampliação dos conhecimentos de modo interdisciplinar. (Conhecimento)

Faço parte da extensão por ser um fator importante para a formação acadêmica, onde o estudante coloca em prática tudo que apreendeu dentro das paredes da sala de aula, ou seja, é

uma forma dos estudantes vivenciaram na prática elementos de suas áreas de atuação, contribuindo diretamente a população. (Diálogo)

Justamente por poder estar mais próxima a sociedade, podendo retribuir a mesma a minha formação, a extensão me torna mais humana, por me permitir essa proximidade com as pessoas, podendo ver de perto as diferentes realidades, além de colocar em prática as teorias vistas em sala de aula. (Aprendizagem)

3 Existe no Projeto de Extensão relação de teoria e prática? Como?

É imprescindível que não pensemos na teoria e na prática como duas ações que podem ser isoladas, gerando uma dicotomia. A relação entre teoria e prática é íntima, onde uma não acontece sem a outra. Assim, em nosso projeto, recebemos da nossa coordenadora textos que abordam nossa temática, para que sejam discutidos em nossos encontros. Também é através do aporte teórico que conseguimos desenvolver estratégias de intervenção, provando a impossibilidade de dissociação entre teoria/ prática e a incapacidade de existência de um Projeto de Extensão sem essa relação. (Caminhos)

Sim! Para que haja uma extensão universitária, é necessário que haja uma práxis, que acontece quando antes de irmos a campo a nossa prática se fundamenta em um teórico e uma metodologia. (Conhecimento)

Existe um equívoco, uma falácia que diz: "na prática, a teoria é outra". Não existe prática sem teoria, nem teoria sem prática. Ambas dependem uma da outra. Portanto, existe nos projetos a relação teoria e prática, pois as ações são desenvolvidas por meio de leituras de teóricos, escritores e a leitura do real. Quando se lê Marx, por exemplo, não dá para desvincular a teoria dele do real, pois se estuda as contradições do sistema e no que ele afeta a vida do indivíduo, como da sociedade em geral. Outro exemplo é quando se lê Paulo Freire, que diz que os homens se educam entre si, tanto um professor intelectual renomado, que vai ensinar a um aluno que mora em um vilarejo distante, ambos têm um conhecimento a oferecer. (Diálogo)

Sim. A partir do momento que me permite o contato e o convívio com outras pessoas e realidades, me permitindo executar os ensinamentos recebidos na universidade e, mas importante, me ajudando a manter sempre um olhar humano para com todos, sempre nos colocando no lugar do outro e assim buscando exercer o meu papel da melhor forma possível,

contribuindo para transformar e melhorar a sociedade a qual estou inserida, lutando por oportunidades e melhorias para todos. (Aprendizagem)

- 4 Qual a relação entre as atividades desenvolvidas no Projeto de Extensão com a sua formação profissional e social?

O Projeto de Extensão no qual estou inserida aborda a temática de Direitos Humanos e o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) no currículo escolar. Estou concluindo minha graduação no curso de Pedagogia. Sendo assim, a relação deste Projeto com minha formação profissional e social é de extremo respeito aos seres humanos quando nos propomos a conhecer e disseminar estes direitos tão importantes principalmente neste momento tão nebuloso pelo qual estamos passando. Vamos além quando trabalhamos o conteúdo do ECA com crianças, adolescentes e docentes, a fim de levá-los a refletir sobre a temática e suas realidades, para que juntos possamos enfrentar o desrespeito existente. Logo, a função da nossa formação profissional está intrínseca à nossa formação social e à formação social de outras pessoas e isto torna a temática do nosso Projeto muito relevante. (Caminhos)

Levando em consideração o Projeto de Extensão voltado à formação docente direcionado às tecnologias digitais, percebo que a medida que compreendemos que a sociedade atual está imersa num contexto tecnológico, onde as mídias digitais tem tomado grandes proporções e estado presentes na vida cotidiana dos sujeitos, compreendo que a escola também precisa está preparada para lidar com essas novas demandas sociais, uma vez que métodos tradicionais não são mais efetivos e que existe essa necessidade de uma escola ativa, que ouve o seu aluno, leva em consideração aquilo que lhe atrai e faz parte do seu contexto social. Com isso, o professor precisa está sempre atualizados diante das demandas que surgem, preparando-se para atuar como facilitador, promover o senso crítico de seu aluno e, se caso for necessário, utilizar de meios tecnológicos, estejam preparados para utilizá-los de maneira efetiva e inovadora. (Conhecimento)

A educação tem por finalidade contribuir na formação do ser social. É a parti da pratica educativa que se começar a construir a mente de uma criança, só através do conhecimento que o indivíduo tem uma leitura mais ampla do real. E as ações do grupo de extensão tem esse intuito de contribuir na vida do sociedade, instigando o gosto pela leitura, como também levando as diversidades culturais existes. Que é um meio viável para contribuir na construção humana. Sendo mais fácil construir do que reconstruir a mente humana. Saber o

que se passa nas escolas, quais as suas problemáticas, os índices de defasagem escolas, são algo que me chama atenção, na busca de procurar um meio que posso contribuir. As diversas políticas sociais pode contribuir para melhorar a aprendizagem no âmbito escolar. Políticas que influenciem o gosto pelo saber, o gosto pela leitura e etc. (Diálogo)

É uma relação onde ambas se complementam, pois a extensão me possibilita estar nas escolas e conhecer diversas realidades, me preparando para atuar nas mesmas, e assim cumprir o papel social da educação. (Aprendizagem)

5 Qual sua reflexão frente o papel da extensão no contexto da formação universitária?

A extensão no contexto da formação universitária é importante, porque nos insere em um contexto real, que, em muitas vezes, é conflituoso, mas que nos fornece grandes oportunidades de aprendizagem, de reflexão e de ação. A participação em um Projeto de Extensão deveria ser algo disponível para todos os graduandos, pois assim todos teriam a oportunidade de observar, refletir, agir e produzir conhecimento necessário, a fim de enriquecer seus conhecimentos acadêmicos e pessoais. (Caminhos)

A Extensão Universitária traz a possibilidade do estudante ampliar seus conhecimentos na área que este se identifica. Com isso, o aluno que tem a oportunidade de participar de um projeto de extensão, é um aluno que tem mais bagagem teórica e vivências que contribuem efetivamente em sua formação, se destacando frente aos alunos que não tem essa oportunidade. (Conhecimento)

A extensão me trouxe algo além do conhecimento que é obrigatório na minha grade curricular, pois posso me capacitar ainda mais, praticando diretamente com um público de uma determinada comunidade, como também um profissional que saber criar projetos e tem gosto de fazer pesquisas sobre diversos temas, pois na extensão também nos é proporcionado. Fazemos uma ligação entra a academia universitária e a população, como também faz instigar o gosto a leitura, a fala em público e a capacidade de enxergar a práxis educativa diferente, de uma forma mais dinâmica. (Diálogo)

Para mim, ninguém podia sair da universidade sem antes passar por um projeto de extensão, pois a mesma nos mostra verdadeiramente a nossa função na comunidade acadêmica e na sociedade, nos prepara para os obstáculos aos quais enfrentaremos durante e depois da formação, a extensão nos possibilita enxergar além dos muros da universidade. (Aprendizagem)